Biblioteca de Estudos Livres

II

ARAGÃO E MELO

---

toleráncia

COIMBRA
1930

TOLERANCIA

BIBLIOTECA DE ESTUDOS LIVRES

---

1 — *Questão Romana* — Brito Camacho
2 — *Tolerancia* — Aragão e Melo.

NO PRELO:

Deus — Provas da sua inexistência — Sebastião Faure
No rescaldo de Lourdes — Tomás da Fonseca.
Discurso verdadeiro — Celso.

BIBLIOTECA DE ESTUDOS LIVRES

II

ARAGÃO E MELO

TOLERANCIA

É necessário combater igualmente o despotismo que perpetua a ignorância e a ignorância que perpetua o despotismo.

Turgot

EDIÇÃO DO INSTITUTO DE ESTUDOS LIVRES
DEPOSITÁRIA
LIVRARIA EDITORA — MOURA MARQUES & FILHO
L. MIGUEL BOMBARDA, 25
COIMBRA – 1930

O tempora! o mores!
Onde eles se julgam ainda!

Cicero.

O trabalho que forma o 2.º volume da Biblioteca de Estudos Livres, *é da autoria do sr. Comandante Aragão e Melo, que o disse no salão do Ateneu Comercial de Coimbra, na noite de 16 de Março último, a convite do Centro Republicano Académico e na presença duma numerosa e bem atenta assembleia, constituida, na sua maioria, por estudantes das escolas superiores.*

O interesse com que foi ouvido o conferente e o aplauso caloroso e prolongado que recebeu, ao findar a sua exposição, levaram o Instituto de Estudos Livres *a solicitar do ilustre oficial da Armada, autorisação para a incluir no número das suas publicações, no que foi desde logo atendido, o que nos*

cumpre registar com o mais profundo reconhecimento por tão penhorante gentileza.

Divulgando as doutrinas expostas pelo Comandante Aragão e Melo, o Instituto *pratica um acto do mais puro civismo, mormente nesta hora de incertezas políticas, de hesitações mentais e de preparação para uma nova ordem, condicionada por uma, também, nova moral, que a todos vem tocando e preparando para tempos melhores.*

Presta igualmente um serviço estimavel áqueles que não poderam ouvir o conferente e que, dêste modo, a saberão apreciar e aplaudir com o mesmo calôr com que o fizeram os assistentes do Ateneu.

O tema, de resto, é de molde a criar

interesse. O tema e a hora que lhe vem dar relêvo: — quando os agentes da reacção clerical e plutocrática lutam, com desespero nunca visto, na ância de reaverem um domínio que nunca mais alcançarão.

Nunca mais!

E que assim é, eles próprios o vão reconhecendo já, pela desorientação e impaciência com que vem atacando as liberdades publicas, não escolhendo meios nem seleccionando armas.

Pondo de lado a verdade, a lógica, o decôro e o simples bom senso, a reacção investe, congestionada pelo ódio, cega pela paixão, como o toiro na praça, quando vê as capas escarlates.

A ajuda-la, apareceram também alguns rapazes, generosos sem dúvida, mas para nós, por emquanto, inofensivos.

«Ensinaram-nos na grande escola do Lar que havia um Deus, criador do Ceo e da Terra, a quem devemos amôr e obediência...; que havia uma ordem cósmica, que é o reflexo do pensamento dívino...».

Onde eles veem ainda, coitaditos!

Atrás de D. Tibúrcio, o macacão, que os hade fatigar ao seu serviço, mas que os despedirá e esquecerá quando chegar à porta das infantas, onde há leitos macios, mesa farta e os tesouros de Sancho a repartir.

Pobres rapazes, tão cedo encorporados num rebanho cujo pastor é hoje, não uma

luz que os guia ou uma alma que os forma, mas uma sombra medieval, que os hade encobrir e apagar, emquanto fôrça oculta os vai castrando, física e moralmente.

Felizmente que alguns hão de fugir ainda, a tempo de chegarem inteiros. Porque não sendo tolos nem quebrados da espinha, hão de querer ser gente, e serão gente.

Pois não é assim, rapazes?

Tem de novo a palava o sr. Comandante Aragão e Melo.

Coimbra, 30 de Março de 1930.

Meus Senhores:

Passados quási dois anos completos, eis-me de novo em Coimbra por imerecida deferência da Academia Republicana, tão cativante pelo ambiente de afecto de que cerca a minha modestíssima personalidade.

Chego quási a sentir-me orgulhoso, eu que estruturalmente adoro a modestia e o apagamento, pela demonstração de apreço que me dais, vindo ouvir esta desataviada palestra.

Despreocupada tem ela de ser quanto à forma, pois que não sei nem quero sacrificar-lhe a ideia, mas o que vos asseguro — e por isso conto com a vossa generosidade — é que as minhas palavras

são sinceras, e, acima de tudo, inspiradas num grande culto pela Liberdade, num enorme desejo de Democracia, num profundo amor pela Rèpublica.

Mas afinal não é orgulho o que sinto — é felicidade, é bem estar, provenientes de me encontrar num meio liberal, cercado de almas consagradas a um ideal que é o meu, acompanhado de jovens que hoje estão dispostos a defender os princípios e por êles se sacrificarem, e que amanhã, ao po-los em prática, hão de ter, pelo menos, uma recordação saudosa e reconhecida para a memória dos que os ajudaram a preparar um futuro melhor.

Quem como eu se encontra no limiar de uma resèrva precursora do descanço definitivo, não pode encontrar compensação mais consoladora para a amargura de se sentir acabar, do que poder dar os restos do seu esfôrço a uma obra que nasce e que promete ter continuidade. Tem-se assim uma impressão de prolongamento de vida, mesmo atravez de além

túmulo, porque se está como que a ver nitidamente a sucessão dos efeitos, produzidos por vontade nossa, — certos, fatais, irresistíveis!

Os homens da minha idade já não podem contar com os frutos de uma obra que tem de ser longa ainda, que ha-de fatalmente ser áspera, que consumirá energias físicas e morais, talvez de uma geração inteira.

Nem a tal aspiram os que à defeza de um ideal consagraram alguma vez a sua existência.

A nossa missão junto da mocidade tem de ser isenta de ambições para se tornar fértil; deve ser sincera para ser respeitada, e por isso, meus senhores, é à Mocidade que cumpre fazer a selecção dos Velhos que a podem acompanhar na sua evolução, e lhe darem as lições da experiência e o exemplo da perseverança, que é o maior estímulo de confiança em qualquer ideal.

Talvez porque a minha perseverança e

firmeza de convicções liberais, se teem mantido intactas, atravez de tantas vicissitudes por que tem passado a Liberdade, é que um grupo de moços, cheios de fé nos destinos da Democracia, me solicitou um dia para colaborar com eles na creação de um organismo, onde pudessemos congregar vontades, unir esforços, depurar intenções e tentar novos processos para fortelecimento dessa Democracia.

E, dentro em pouco, estava formada a *Liga da Mocidade Republicana do Distrito de Lisboa*, que me mandou hoje aqui saudar, por ela, os Republicanos e Liberais de Coimbra e afirmar-lhes que só espera que lhes deis as mãos, para se unir a vós num esforço comum de dignificação da República e avigoramento do Ideal Democrático.

A finalidade de todos os democratas tem de ser só uma: aproximar-se do Povo, instrui-lo, incutir-lhe fé nos seus

destinos, confiança na sua fôrça, torna-lo consciente e portanto livre.

O resto virá depois; será êle então o criador da sua felicidade.

Como atingir, porém, semelhante objectivo?

Analisando, sem paixão mas com severidade, os erros do passado, investigando as causas que levaram a nação à decadência que constatamos, educando as futuras elites para que não incorram nos mesmos erros, e, finalmente, criando ambiente onde asfixiem aqueles que possívelmente pretendam readita-los.

Li, recentemente, num livro espanhol, êste conceito que considero formidavel de justeza e simplicidade:

«Criar uma nação é difícil — Levanta-la quando caída, muito mais — Sem saber porquê — impossível».

Eis o objectivo da palestra que ides ouvir, e que despretenciosamente escrevi, sem primores de estilo a que sou avesso, muito especialmente quando a minha

preocupação primacial consiste em ser claro, verdadeiro e útil.

Saibamos, pois, porque decaíu a nação, porque sofreu a Liberdade, quando a República só as devia ter levantado.

A tolerância é uma das mais belas, mas também mais raras manifestações de superioridade do espírito humano.

Pode dizer-se mesmo que, por ela, se afere da mentalidade e estado de civilisação de um povo, ou do espírito scientifico e liberal de um indivíduo.

Todos, mais ou menos, reconhecem esta verdade, e, com excepção dos que teem por lei da vida o instinto, ninguem ousa negar que por ela devem reger-se as relações entre os homens, para que a sociedade possa conduzir-se na senda do aperfeiçoamento moral a que aspira.

Sem tolerância não reconheceremos os nossos erros, estagnaremos na ignorância de nossas verdades, não podere-

mos entender o restante da humanidade que não pensa como nós, e finalmente tornaremos impossível a sociabilidade, que constitui a estrutura da fraternidade.

E porque assim é, e porque cada um de nós pretende que o seu antagonista tenha esta virtude e a pratique nas suas relações comnosco, implicitamente reconhecemos que ela constitui um direito da humanidade, que não pode ser violado sem que a guerra se estabeleça entre os indivíduos, entre os grupos sociais, entre os povos, — cada vez mais encarniçada e violenta.

É porem curioso observar que, reclamando cada um de nós tolerância para consigo, nem por êsse facto temos grande propensão em a praticar para com os outros, o que nos força a reconhecer que o egoismo se sobrepõe quási sempre às concepções justas e perfeitas do homem pensante.

Quando se chocam duas opiniões ou conceitos discordantes, o fenómeno é

necessáriamente devido a incapacidade de compreensão de qualquer dos antagonistas ou de ambos, a respeito de uma doutrina, de um aspecto da vida, e até de um interesse individual ou colectivo; — necessáriamente que cada um deles pensa com a cabeça que tem sôbre os ombros e em conformidade com o seu temperamento, e com as influências educativas, físicas, intelectuais e morais que recebeu na vida, as quais actuarão sôbre a respectiva mentalidade, provocando as correspondentes reacções.

Se discutem, é porque pretendem fazer valer a supremacia da sua doutrina, a fôrça da sua razão ou a justiça da sua causa. A discussão é a resultante daquelas reacções, ou antes, o efeito da surpreza ou incompreensão que, em cada uma das mentalidades, produz o êrro ou imperfeição de verdade da outra.

Isto é — qualquer dos contraditores julga-se de posse da verdade absoluta, que afinal não existe para além da reali-

dade dos factos, e, se nenhum deles estiver disposto a conceder o livre exame, nem a aceitar a contestação dos factos, serão espíritos fechados à observação, serão dogmáticos, que pretendem dominar pela violência material e que teem de ser subjugados também pela violência, afim de, por virtude do seu dogmatismo, prejudicarem a outrem.

E, como a violência conduz à barbárie, somos levados a concluir que a civilização tem de agir fundamentalmente sôbre a mentalidade das massas, no sentido de as tornar anciosas de conhecimentos e da descoberta de novas verdades, em vez de lhes inocular no espírito princípios, sob a fórmula de verdades absolutas, que fatalmente conduzem à intolerância.

Isto, tanto em matéria religiosa como política.

Cada indivíduo, persuadido de que é portador da verdade absoluta, constitui, para uma sociedade atrazada, um elemento

de perturbação, não propriamente pela doutrina que professa, mas pelo contágio que produz o seu exemplo; é o que em todas as épocas nos mostra a história dos grandes iluminados, que arrastam multidões ignaras, sempre propensas a entronisar quem represente um princípio ou uma verdade que não se discute.

Qualquer sociedade inculta, e portanto mais próxima do estado de barbárie, tem uma vida espiritual rudimentar, difícilmente apta ao esfôrço intelectual da investigação e da dúvida, e consequentemente aceitará com facilidade tudo o que lhe seja apresentado sob fórmula de verdades feitas, que não demandem dispendio de energias mentais, debilmente desenvolvidas.

Como actuar sôbre tais sociedades ou indivíduos, no sentido de os libertar dêsse estado atrazado, conduzindo-os para a civilização?

Pela influência educativa que modifique não só a sua inteligência como o ambiente moral e físico, que os isola da evolução

em que caminham as sociedades mais adiantadas.

Quando, na marcha irresistível das ideias novas, me surge um salteador, pretendendo barrar-me a passagem, eu sinto uma indignação capaz de me levar a todas as violências, mas se encontro um cego que, nesse caminho, se atravessa, deter-me-hei para lhe dar a mão e leva-lo comigo até longe do perigo, mesmo que para tanto tenha de moderar o passo.

Se me defronto com um indivíduo de mentalidade primitiva ou deformada, que não quere acompanhar-me, procuro inspirar-lhe confiança, mostrar-lhe que, embora não caminhe para a perfeição absoluta que não existe, me dirijo por *étapes* seguras de realisações, em que cada avanço, garante uma conquista para o espírito e portanto um motivo de felicidade.

Mas se topo com quem me afirme ser possuidor da verdade absoluta, e pretenda impor-ma ou impedir-me de demonstrar o seu êrro, essa pessoa é o intolerante

que devo castigar, reduzir à impotência, para que não cause dano à humanidade.

Mas então a crença não é respeitavel?

Deveremos perseguir o crente?

Não será isso também intolerância condenável?

A crença é um estado de alma nascido da convicção, e esta, por seu turno, é gerada pelo raciocínio. O sábio é um crente na sua doutrina, nas leis que descobriu, emquanto a observação dos factos e a experiência não lhe demonstram que essas leis enfermam de qualquer êrro. Observa constantemente, aplica as suas leis, experimenta, deduz, isto é: *duvida sempre!* — mas é um crente na sciência, porque ela lhe fornece sempre novas verdades.

Quere dizer: a crença admite a dúvida que a desenvolve e é, portanto, condição de progresso.

O crente religioso é o homem para

quem a sciência não deu ainda a explicação completa e perfeita de tudo o que êle ignora ou não compreende; não deixa por isso de estudar e investigar, — mas, tendo o seu espírito necessidade de uma explicação última, acolhe-se à sua crença para satisfação de um estado de alma, sem que, por êsse facto, a considere como *étape* derradeira das suas investigações.

Nasceram todas as religiões da necessidade de explicar o inexplicado, e por isso o progresso da humanidade as foi pondo em descrédito, ao passo que a sciência ia descobrindo as leis que regem certos fenómenos, cujo mistério incutia admiração e terror.

É por isso mesmo que uma religião qualquer só pode ser digna de respeito, por parte daqueles mesmos que a não seguem, quando admite a dúvida, e se socorre do sobrenatural, apenas emquanto, para certos fenómenos, não encontre a explicação scientífica.

O crente deve ser pois auxiliado na

sua ância de verdade, respeitado na sua crença.

Será intolerância condenavel e contraproducente persegui-lo por motivo dela.

Mas há uma outra modalidade de espírito que carecemos de considerar na análise a que nos abalançamos, sôbre a conduta a tomar para com os que pensam de forma diversa da nossa.

É ela a dos que designamos por crédulos e que totalmente se diferençam dos crentes.

Crédulo é o ser boçal, inferior, embora com exterioridades de cultura e civilização, que aceita sem exame qualquer doutrina que melhor se adapte à sua preguiça mental, ou à sua moral corrompida.

É um elemento extremamente perigoso, porque facilmente se torna um instrumento do hipócrita, e se submete com deleite à acção do despotismo.

Para êle, o profeta, o bruxo, o messias religioso ou político, o déspota que anun-

cia redenções, — são os portadores da verdade absoluta, segue-os sem hesitação, obedece aos seus mandados imperiosos, delira em ser seu instrumento.

É por isso que, nos países escravisados, a religião toma a forma inferior, insolente e intolerante; — é consideravel nesses países o número de crédulos que, postos ao serviço dos hipócritas, atacam ferozmente quem não possa ou não queira submeter-se às doutrinas religiosas.

Países assim dominados por tal religião, são os mais afastados do progresso, — os seus cidadãos são os mais infelizes, — os conflitos entre eles são frequentes e sangrentos.

Conclui-se portanto que o crédulo é um elemento mais ou menos gerado ou amparado pelo espírito religioso inferior, que deve ser combatido incansavelmente, até que desapareça ou se torne inofensivo, o que só conseguiremos quando as massas atingirem um sentimento e consciên-

com amargura, seremos forçados a constatar a crise gravíssima de estagnação e retrocesso por que passamos, e para a qual é indispensável chamar a atenção de todos os organismos onde possa encontrar-se ainda matéria vibrátil e não contaminada.

Republicano de antes de 1910, e liberal desde que o sentimento de justiça começou despertando a minha atenção para o que de anti-humano teem certas manifestações reacionárias, *sejam elas de que natureza forem,* o meu posto, que, com orgulho e entusiasmo ocupo, é em qualquer campo onde, para defeza de um ideal ou princípio de liberdade, alguem solicite o meu modesto esfôrço.

Mas, — por isso mesmo que o meu espírito liberal nasceu de um sentimento de justiça, eu procuro fazer sempre a distinção entre o crente e o crédulo, entre o sincero e o hipócrita para que os meus ataques não possam ferir senão aqueles que viso, isto é, para que as pontarias sejam certeiras.

Dizem-me, tanto a consciência como a inteligência, que a agressão é um processo injusto e contraproducente de convencer quem pensa por forma diversa da minha, e que praticarei uma incoerência se preconisar a tolerância e for intolerante nos meus processos.

Convidado pelo *Centro Republicano Académico de Coimbra* para vir fazer uma conferência de propaganda liberal, parto do princípio de que as minhas palavras são dirigidas, não aos liberais perfeitamente compenetrados das doutrinas que professo, porque para êsses seriam então escusadas, mas áqueles que delas andam desviados, talvez por motivos que adiante explicarei.

Nessa ordem de ideias, e, sem que a minha afirmação envolva qualquer intuito desprimoroso para os académicos que porventura me escutem e militem em campo adverso, — começarei por declarar, com a decisão gerada em convicções

arreigadas, que dificilmente o meu espírito admite o que seja um académico anti-liberal.

Preciso de declarar que ponho aqui inteiramente de parte a acepção política que o têrmo pode ter, porque julgo a política, no seu mau sentido, uma coisa tão avessa à indole, ao temperamento e até à preparação da gente nova, que me pareceria menos sério tocar essa nota em uma palestra a ela destinada.

De resto, eu sei que muita gente, neste país, tem enfileirado nas hostes políticas anti-liberais, sem ser reacionário, apenas porque julga assim cumprir o seu dever de cidadão, opondo-se àqueles que interpretam e põem em prática a liberdade à moda reácionária.

Considero o meio académico aquele onde melhor pode germinar a boa semente dos princípios liberais, porque, sendo formado de gente nova, naturalmente progressiva, pois que a sua ância é a de caminhar em busca da verdade, — neces-

sáriamente investigadora e curiosa de novidade, pois que a sua função é estudar, — êsses princípios são os que melhor satisfazem aquela ância, — são os que maiores e mais belos horisontes rasgam à vida superior do espírito.

É a ela que com mais seguro exito se pode falar de tolerância, porque a generosidade do espírito foi sempre a característica fundamental e determinante das suas atitudes e decisões, porque a gente nova não está contaminada ainda das paixões que obcecam nem dos egoismos que dividem.

Temos enveredado, os liberais, por caminho errado, forçoso é confessa-lo, abandonando esta massa, tão rica em materiais, tão prometedora das mais belas realisações, — à obra rancorosa e dissolvente dos nossos inimigos, permitindo que nela se infiltrem interpretações erróneas sôbre a nossa doutrina, conceitos injustos e

mentirosos a respeito dos nossos objectivos.

De gôrra com os mais figadais inimigos da liberdade, nesciamente ignorantes dos seus propósitos, descuidosamente desatentos aos seus manejos, temos dado alento às suas intolerâncias, temos infelizmente colaborado nelas, desacreditando-nos a nós — o que é desastrado — e também aos princípios que representamos, o que é gravíssimo!

E tão contumazes temos sido no êrro, que, é preciso que se deem circunstâncias bem alheias à nossa vontade, embora por nós provocadas, para finalmente o reconhecermos e pensarmos, emfim, em arripiar caminho...

Eu creio que a maior parte das reacções que por êsse país fora se manifestam contundentemente, com gaudio para certos *meneurs* de origem muito complicada, proveem principalmente da acção violenta exercida por indivíduos que de liberais só teem o nome.

E por assim julgar, é que não quero vêr, no facto de arregimentarem alguns académicos em hostes aparentemente antagonistas das liberais, um sintoma de espírito reaccionário, no sentido que a palavra tem de improgressivo, de intolerante, de contrário à verdadeira democracia.

Esses jovens, que manifestam um aparente desacordo com os nossos princípios, não são, no fundo, mais que indivíduos em discordância com os processos de alguns de nós, e cujo resentimento, nascido de preconceitos de família, de êrros de educação mental, alimentado e desenvolvido por condenáveis especulações políticas, os colocou num campo adverso, onde nunca estariam, se, com a verdade e lealdade que, para gente nova, se deve usar, lhes explicássemos o verdadeiro sentido dos princípios que professamos, se, finalmente, na prática lhes demonstrássemos a sua eficaz aplicação e a coerência com que os seguimos.

Deixamos que durante longos anos de

República se desenvolvesse e tomasse consistência no espírito de muita gente a persuasão de que o liberal é o intolerante, o homem que não admite convicções nem doutrinas diferentes das suas, que vexa, violenta, persegue, que finalmente quere impôr aos outros um dogma que afinal não tem.

Óra, se nós regeitamos o dogma, naturalmente e por coerência, devemos respeitar e até considerar tão liberais como nós todos aqueles que não querem sujeitar-se ao dogma dos pseudo-liberais.

Evidentemente que recusar êste dogma para aceitar qualquer outro, não é ser liberal; mas não é êste o caso da maioria da gente portuguêsa, que por certo enfileiraria ao nosso lado, se os nossos actos correspondessem sempre às afirmações de princípios.

A nenhum espírito, regularmente formado, eu faço a injustiça de supôr que aceite sem exame qualquer verdade imposta; porêm mais dificilmente acredito

que um moço académico, a quem compete estudar, investigar, deduzir, observar, aceite a intimação, mesmo que ela parta da mais elevada autoridade mental ou social, que o manda interromper o curso da sua análise, dizendo-lhe:

«Isto não se discute; a sciência não o pode explicar; é pecado analisa-lo, por que é um dogma!»

Há estudante que aceite esta máxima violência sôbre o seu espírito, que acate esta tremenda negação da utilidade do seu esfôrço, que se submeta a tão cruel destruição das suas mais ridentes aspirações de evolução e progresso?

Se há — nesse dia, êle certamente fechou os livros, porque descreu desde então da eficácia da dúvida, porque morreu nele a aspiração de encontrar a verdade, e então, entregue ao êrro, amarrado à doutrina imutavel, passou de facto a ser um reacionário, mas deixou de ser um estudante!

Não, meus senhores, repito, cada vez

espírito; e nada disto apouca a inteligência ou o carácter de quem os possui.

Eis como o apodo de intolerante pode deixar de ter o sentido pejorativo.

Mas há outra espécie de intolerância: é a intolerância material — e esta consiste em perseguir, exercer coacção material ou moral sôbre aqueles que não pensam como nós.

Esta é de facto a pecha dos espíritos reacionários, e contra ela teremos de lutar pertinazmente pela acção educativa.

O sentimento de justiça, inato em todo o indivíduo bem formado, induz à reprovação das desigualdades sociais, provoca a reacção contra as várias formas de opressão, agrega, em organismos associativos, todos os que sentem a necessidade de se defenderem por uma acção comum.

É pois o sentimento de justiça que põe em jogo as fôrças dispostas à luta pelos princípios de igualdade, de liberdade e de

fraternidade, e é nesta luta que surge a dificuldade de encontrar o verdadeiro sentido da tolerância.

Para se ser tolerante, materialmente, para com o adversário, é forçoso que êle não venha ao nosso caminho tentar impedir a marcha das ideias que propagamos, nem procurar destruir a obra que atrás de nós deixamos construida.

Se o fizer, nós seremos então forçados a aniquilá-lo e, se até aí nos conservámos tolerantes, pois que o respeitámos enquanto não tentou opôr-se materialmente ao prosseguimento da nossa obra, desde êsse momento deixamos porém de ser tolerantes materialmente, porque a continuação dessa espécie de tolerância seria covardia, abdicação, ausência da dedicação que se deve consagrar aos princípios, sempre que neles temos inteira fé.

Mas será suficiente esta intolerância material para defesa dos princípios?

Não é! — e fácilmente se prova, pois poderiamos evitar êsse extremo a que nos

forçam, se, antecipadamente, nos tivéssemos sabido manter em rigorosa intolerância doutrinal.

Estamos em época de penitência, como diriam os dirigentes espirituais de qualquer agremiação católica, e, portanto, servindo-nos das suas fórmulas, façamos um severo exame de consciência, lançando um rápido olhar retrospéctivo sôbre a vida republicana desde 1910.

O que foi a revolução republicana?

Que princípios norteavam os seus dirigentes? A que aspirações obedecia a alma popular quando lhe davam todas as garântias de triunfo?

A revolução de 1910, feita por poucos centos de homens corajosos e decididos na resolução de se baterem até à morte, e de suportarem, com heroísmo, as consequências do seu acto, se fôssem vencidos, não teria derrubado e proscrito para sempre o regímen monárquico, se contra ela tivesse outros tantos centos de homens

que, para subjugar aqueles, não careciam de ter mais valentia nem mais decisão, pois que lhes bastava estarem senhores do poder.

Quer dizer, a revolução republicana só esperava a sua vitória da decísão de um punhado de homens que, compenetrados da vontade popular e confiados no seu mandato, dissessem: «Vamos a isto!» — E foram; e triunfaram!

Porquê? — porque o povo assim o desejava! Era o dealbar de uma democracia...

Uma élite de heróis exprimia a vontade popular, e a ela se submetiam imediatamente todas as fôrças do Estado!

Quere dizer: a República, inicial e estruturalmente, foi uma expressão da verdadeira Democracia. Estava estabelecido o princípio — nada mais havia do que aperfeiçoar a sua execução, do que dar forma a uma autêntica aspiração nacional.

Mas a revolução foi preparada e orga-

nisada por alguem — houve homens que incutiram no espírito popular a necessidade de a fazer — certamente os mesmos ou ainda outros decidiram a sua eclosão!

O que pretendiam êsses homens? que doutrina prégavam? que princípios os norteavam?

O velho programa do partido republicano o diz — porque nesse tempo havia um só partido, e apenas a sua doutrina orientava e dirigia os caudilhos.

Em todo êsse programa, nos seus mais insignificantes detalhes, sob qualquer dos seus aspectos, nós encontramos os princípios da Democracia postos ao serviço da vida da nação, como condições da sua dignificação, da regeneração de costumes, da evolução moral, da autêntica soberania e independência, de tudo enfim que pode dar a um povo consciência, dignidade, emancipação e amor pátrio.

O povo seria instruido, as suas necessidades atendidas, os seus direitos respeitados, a sua vida colectiva regulada em

moldes que lhe dessem garantias, finalmente a sua evolução facilitada de fórma a poder atingir o mais rápidamente possível a perfeição e autenticidade da sua soberania.

O povo, assim doutrinado e conduzido para uma ascenção que lhe prometiam, naturalmente passou a pôr na República a sua suprema aspiração, e daí a poderosa e decisiva colaboração que deu ao seu advento.

Queria o povo, como por aí se diz em esgares reacionárias de medo, exercer represálias, maltratar os poderosos, roubar os ricos, destruir a sociedade existente?

Êle provou exuberantemente que não nutria tais sentimentos, enquanto victorioso e senhor da cidade manteve a ordem e defendeu uns e outros das tentativas de alguns mal intencionados.

O povo queria de facto a sua soberania, mas apenas para que lhe fizessem justiça, e, como lhe havia sido prometido

que, em regímen de democracia, seria tornado apto, pela cultura, pela modificação do seu estado social, pela experiência adquirida no funcionamento da máquina administrativa — a exercer essa soberania — êle acomodou-se imediatamente à proclamação da República, e ficou aguardando os efeitos do regímen de democracia.

Como imediatamente se conclui do que deixo dito, a essência da revolução, e os princípios dos seus dirigentes e as aspirações dos que a fizeram, definem-se por uma palavra única: DEMOCRACIA.

Era portanto uma doutrina que cumpria fôsse respeitada por todos os que se integrassem nela, sob pena de traição, e poucos foram os que a não aceitaram, pelo menos aparentemente.

Prosseguindo no nosso exame de consciência, vejamos o que sucedeu:

Devendo ser intolerante na doutrina, isto é, não transigindo perante os adversários da Democracia que fossem sur-

gindo, não admitindo colaborações de quem não estivesse inteiramente compenetrado dessa doutrina, não consentindo que as fôrças políticas formadas a dentro da República tivessem quaisquer características aristocráticas, repelindo aproximações plutocráticas, impossibilitando as infiltrações mal intencionadas, — nada disto fizemos. Pelo contrário: a vida política de uma grande parte dos homens públicos passou a ser uma contínua e degradante transigência, significativa de pouca solidez de princípios e convicções, que levou alguns até às mais condenáveis abdicações.

Em vez de se operar a selecção por competências, como em regímen liberal e democrático se prescreve, adoptou-se o regímen aristocrático de castas ou de seitas, que são uma e a mesma coisa, permitindo que predominasse na vida social e na administração pública apenas o indivíduo, enfeudado a correntes, cujas características fundamentais são reacionárias.

A plutocracia, a chamada alta sociedade, corrompida de sangue e de costumes, a força materialisada em instituições desviadas da sua única função, passaram a ser os fulcros em volta dos quais gravitavam a mór parte dos nossos pseudo democratas num deslumbramento tonto e perdido, que lhes ia queimando as asas, impossibilitando-os de grandes vôos.

A lugares de responsabilidade na vida da nação, chegava-se com a maior facilidade, quási no estado analfabeto.

O estudo, a análise, a investigação, a prática dos serviços, foram postos à margem por inúteis, num *fervet opus* delirante em que se atingiam as situações que davam celebridade e proveitos.

Entramos então na fase em que, para se vencer na vida, era mais eficaz ser-se temido do que respeitado.

Ora a Democracia não é nada disto, porque, sendo o govêrno do povo pelo povo, manda que os verdadeiros democratas e portanto conscientes e sinceros,

comecem a sua obra por se aproximar do povo, instruindo-o, educando-o, facilitando a sua evolução, de forma a seleccionar nele as aptidões e competências que lhe permitam exercer êsse govêrno.

Estribar a autoridade em fôrças que, por sua natureza e constituição teem interesses absolutamente opostos aos do povo, não é fazer obra de democracia, mas sim afastar-se dela cada vez mais.

A obra de seleção, contrariamente ao que alguns afirmam, é uma obra estruturalmente democrática, porque presupõe a igualdade de direitos em todos os indivíduos de uma sociedade, pois que se não considerasse tais direitos deixaria de ser seleção.

Ora as aptidões só se adquirem e revelam pelo estudo e trabalho, e ninguem pode, com seriedade e verdade, afirmar que o nascimento, a fortuna ou a condição de vida substituem qualquer destas actividades.

Colocai o mais nobre fidalgo analfa-

beto a dirigir uma indústria, o mais rico mandrião à testa de um estabelecimento comercial, o mais condescendente militar a comandar uma fôrça, e vereis como a indústria se arruina, o estabelecimento desaparece e a fôrça passa a ser uma fraquesa.

A cultura e o trabalho não são portanto opostos à democracia, mas sim os únicos processos de a desenvolver, porque por eles se dignificam as classes, e muito especialmente a dos estudiosos, onde o povo sabe ir escolher os dirigentes, sempre que as paixões dos intolerantes o não desorientem e perturbem.

Mas, prossigamos na análise da vida portuguesa como ela se vem desenvolvendo num conflito permanente, e numa incoerência lastimosa dos homens, cujos processos carecemos de escalpelar, para que a liberdade não possa voltar a sofrer mais, e para que a democracia saia vitoriosa dos embates que recebe dos seus

inimigos, e dê a êste povo as regalias de que anda privado há muito e a que tem tanto direito ou mais do que muitos outros que da prática da Democracia tiram a maior soma de felicidades.

Foram, alguns dos nossos homens públicos, rotulados de liberais, perdendo a fôrça moral perante os adversários, o prestígio perante o povo, e a consideração dos que se mantinham firmes e intolerantes nos seus princípios.

De baixesa em baixesa, de tolerância em tolerância, de pusilanimidade em pusilanimidade, foram entregando nas mãos dos mais irreductíveis inimigos da Democracia, os destinos dessa Democracia.

Associados nas grandes emprêsas financeiras, participando nas cerimónias de culto católico, conluiados no caciquismo eleitoral monárquico, nunca desmontado, tolerados com desvanecimento nos meios aristocráticos, embriagados nas manifestações de fôrça, e no culto dos herois de repressão fácil, enredados numa imprensa

tenebrosa, êsses homens, dentro em pouco, eram uns míseros títeres nas mãos da reacção implacável.

Mas era necessário, a todo o transe, para que não perdessem totalmente o poder e a fôrça que traziam inconscientemente ao serviço da reacção, mascarar a sua vergonhosa tolerância doutrinal, e então, manejados ainda pela reacção, enveredaram pelo caminho da intolerância material, que fácilmente iludia os papalvos.

E, nessa espécie de intolerância, poderiamos classificá-los de mestres, se não tivessemos que, para falar com propriedade, afirmar terem sido óptimos discípulos da reacção, e inconscientes instrumentos dos seus desígnios.

A sua intolerância não conhecia barreiras, porque largamente, e talvez até mais fortemente se exercia sôbre os correligionários que se afastavam, discordantes dos seus processos.

Entretanto criavam-se resistências naturais contra aquela intolerância mate-

rial; as divisões dos republicanos enfraqueciam os elementos de defeza da República, as atenções dos dirigentes desviavam-se para o ataque e defeza, que os obrigavam a um alerta permanente, as vítimas aureolavam-se do prestígio que traz sempre o martírio, as violências eram, de uma forma genérica, imputadas à República, as simpatias dos espíritos em formação ou inadvertidos iam, por espírito de justiça, para as que sofriam, e... dentro em pouco a causa da República e, portanto, da democracia, atingia esta paradoxal situação: dirigindo os destinos da democracia, homens sem vontade, exautorados, conduzidos por aqueles a quem a revolução de 1910 afastara do poder pelos seus erros e crimes.

Constituindo a sua fôrça: — massas ignorantes e obsecadas por ódios irreconciliáveis.

Em formação, e como efeito lógico da influência dêsses homens no meio social, uma geração reacionária, eivada de erros

Em vez de a utilisarem para expor claramente e defender com nobresa os seus princípios, como fazem os verdadeiros liberais, exploraram para tomar posições, donde, sem risco de maior, pudessem subverter em momentos o estado de coisas, destruir liberdades, princípios, direitos e garantias que levaram séculos a conquistar, que custaram sacrifícios dos mais penosos a quem, com honra e a peito descoberto, sempre os defendeu.

Dessa *igualdade* se serviam também os adversários da democracia para desacreditar os princípios, fazendo visionar a paquidérmicas burguesias, facilmente assustadiças, o apavorante espéctáculo de um nivelamento demagógico e destruidor que, invertedor de situações, se limitaria a arrazar os poderosos para satisfação das invejas.

E no entanto todos sabem perfeitamente que a igualdade na democracia é apenas a igualdade perante a lei e o

direito, sem consideração de privilégios, de castas, sem subordinação a fôrças que não sejam as dimanadas da colectividade.

Na democracia governam os mais aptos, os mais competentes, aqueles que, pelo seu mérito, ascendem progressivamente, e o seu mandato cessa logo que o povo entenda devê-los destituir por não lhe merecerem confiança.

Eles sabem tudo isso muito bem, e até não poucos devem quanto são aos triunfos da democracia, porque, sem ela, não teriam alguma vez saído da mediocridade a que os amarrava a condição humilde do seu nascimento.

Dessa *fraternidade* finalmente se aproveitavam os partidários da reacção para lhes permitir associar nos seus manejos plutocráticos os homens cujas energias era necesário quebrar, cuja autoridade era indispensavel destruir, cujos princípios era forçoso conspurcar, cuja intolerância doutrinal era fundamental **anular** e **escarnecer.**

É doloroso, é deprimente, bem o sei, constatar, ao cabo de vinte anos de esforços, de lutas titânicas, de resistências heroicas, que a democracia se encontra subjugada pelos seus mais terríveis adversários.

Seria mais cómodo, mais elegante, calar tão dura verdade e vir dizer-vos que as nossas aspirações de liberdade, igualdade e fraternidade estão asseguradas pela vontade popular, e se manteem intangíveis e garantidas contra quaisquer vicissitudes.

Talvez de facto me calasse com receio de lançar o desalento, de soltar o grito de pânico, se não soubesse para quem estou falando. Talvez nem aqui viesse, envergonhado de pertencer a uma geração que se deixou derrotar, não por medo, mas por falta de intolerância doutrinária.

Mas eu sei que me estão ouvindo os homens de amanhã, a quem seria feio ocultar a verdade, os jovens de hoje a quem temos por dever mostrar os erros

e os perigos que os espreitam, e também sei que não é próprio da vossa idade o desalento, conhecendo inequívocas provas da intemerata decisão com que quereis entrar na vida para triunfar, com dignidade, para realizar e para salvar os despojos que esta geração vos deixa.

Por isso quero dizer-vos com a autoridade que a experiência e os anos me conferem, com o ardor e vibração que as circunstâncias impõem, que não podeis perder um momento na emprêsa a que vos dedicais de congregar fôrças, de acumular energias, de avivar fé nos princípios, de restaurar a confiança nas doutrinas.

Já deixámos perder muito tempo em estéreis dissensões, em inuteis intolerâncias materiais, durante o qual a reacção foi minando o terreno, explorando e cultivando as nossas divisões, aproveitando a nossa distração para recrutar adeptos, envenenar sucessivas gerações, com a

doutrina jesuítica que deforma caractéres e entorpece inteligências.

A República ha-de revigorar-se e a sua constituição será restaurada quando chegar a oportunidade, menos dependente da vontade dos homens do que dos fenómenos sociais que a hão-de impor, mas é preciso que estejamos bem preparados para a acolher, com entusiasmo, com delirante alegria por certo, mas com uma sereníssima reflexão, para bem ponderarmos a responsabilidade que êsse solenís-simo momento nos impõe.

Devemos já então ter solidamente constituida, e perfeitamente organizada a fôrça da democracia, para com ela constituirmos o edifício social inteiramente novo, com amplas portas por onde entrem o ar e a luz a jorros, sem escaninhos tortuosos onde possam incubar processos velhos, formidavelmente grande para que nele caibam, sem se comprimir, todos os que até hoje são considerados à margem da sociedade, por terem nascido deserdados.

Essa obra, que à mocidade estudiosa de hoje exclusivamente compete, deverá começar por preparar os espíritos para a evolução natural, necessária, e portanto imperiosa, libertando-os de preconceitos, e levando-os a conceber um estado justo e equitativo para a sociedade.

Essa preparação consistirá principalmente em mostrar às classes e castas dominantes os precalços a que o seu egoismo os submete se não soberem ou não quizerem refrear, emquanto é tempo, a sua insaciavel ambição de gôso e bem estar, que fere a sensibilidade do povo. Depois será necessário que, ao serviço dos privilégios dessas castas, não seja posto o mérito dos melhores e mais competentes, de forma a solidariza-los com classes que, por preconceito e orgulho, os põem à margem, depois de os terem utilizado.

É preciso portanto que cada cidadão, elevado às mais altas gerarquias burocráticas, ou às mais importantes funções de direcção e mando, vá perfeitamente com-

penetrado de que unicamenle à democracia deve a sua posição — sómente à colectividade deve restituir o esfôrço colectivo que o elevou.

Finalmente, é indispensavel que o proletariado seja guiado na sua ascenção, dando-se-lhe a formação técnica e intelectual com que colaborará na obra dos dirigentes.

O actual estado social, em que pontifica e impera o reacionário, nunca facilitará a evolução, porque êste, agarrado aos seus privilégios, pressente que eles terminarão no dia em que o povo for instruido, e possa viver sem a sua tutela opressora.

É por isso e para isso que o analfabetismo impera, que a crise de habitação assoberba os lares pobres, que a prostituição oficial se mantém, que o preconceito religioso se desenvolve, que a creança não tem assistência moral nem física, que a mulher não ocupa na vida o lugar que lhe compete, que a instrução

primária é só para os ricos, que a instrução técnica se não intensifica, que a alimentação das classes baixas é deficiente e nociva à saude, que a propriedade está injusta e irracionalmente repartida, que os impostos esmagam sem produzirem um bem estar compensador, que a liberdade individual tem sido postergada, o direito e a lei calcados aos pés,. que o critério de fôrça sobreleva ao da razão.

A iniquidade em que se vive há longos anos em Portugal, e que permite quadros de miséria moral e material tão revoltantes como os que deixo apontados, só pode terminar quando uma geração nova, cheia de fé nos seus ideais e de confiança nos seus destinos, se resolva a meter ombros à construção dêsse gigantesco edifício, depois de rápidamente ter destruido os preconceitos em que porventura foi educada.

Para o conseguir tem de adoptar de início uma intolerância doutrinária irreductível, que se traduzirá em não ter

qualquer espécie de transações com quem siga princípios diferentes ou não obedeça a nenhum, em não consentir, nas fôrças que arregimentar, elementos tíbios ou de carácter deformado, em selecionar rigorosamente os componentes das suas agremiações, em não transigir nem abdicar em matéria de princípios, em não se afastar, por circunstância alguma, da rota que eles marcam.

Por seu turno a tolerância material, que não consente os excessos contraproducentes, e que advirá à mocidade naturalmente da consciência da sua fôrça, há-de trazer para a democracia muitos elementos, desavindos hoje com ela, apenas por a confundirem com a demagogia, e exercerá, por certo, sôbre a sociedade uma acção benéfica e correctiva de impulsos, muito humanos embora, muito justificados por vezes, mas excessivamente perturbadores de uma obra construtiva. Só uma circunstância pode tornar inevitavel e até necessária a intolerância material,

mas então, ela deve ser impiedosa e feroz, porque seria até degradante não a empregar.

Temos os liberais, irreconciliáveis adversários nos elementos vindos das classes previlegiadas, das aristocracias, e das seitas religiosas. Com eles contamos, com eles medimos as nossas fôrças, e só teriamos razão para os temer se algum dia abandonassemos o nosso posto de combate.

Não são eles os mais perigosos!

Os que são de temer, os que intolerantemente temos de hostilizar, levando-os de vencida, à custa de todos os sacrifícios, são os que Alexandre Herculano magistralmente define em algumas das suas mais formidaveis e belas páginas, escritas em defeza das ideias liberais. São do prefácio da *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal,* os trechos que peço venia para ler:

« Entre os grupos que victoreiam em quasi toda a Europa as saturnais da rea-

ção, ha um mais forte, mais activo e, sobretudo, mais eficaz, porque se acha senhor em muitas partes do poder público, e serve-se desse poder para anular num dia as garantias conquistadas pelas nações em meio seculo de lutas terríveis.

«É o grupo dos Cains; daqueles a quem mais tarde ou mais cedo, Deus e os homens, hão-de infalívelmente perguntar: «Que fizestes de vossos irmãos?»

«É o grupo daqueles que devem quanto são e quanto valem aos triunfos da liberdade, que, sem as lides dos comícios, dos parlamentos, da imprensa; sem o chamamento de todas as inteligências á arena dos partidos; calcados por um funcionalismo despótico, por uma nobreza orgulhosa, por um clero opulento e corrompido, teriam fechado o horizonte das suas ambições em serem mordomos ou causídicos de algum degenerado e raquitico descendente de Bayard ou do Cid, ou em vestirem a opa de menino do coro, de algum pecunioso cabido. Estes taes, que troca-

ram o aposento caiado pela sala explendida, o nome peão de seus pais pelos titulos nobiliarquicos, o sapato tauxiado e o trajo modesto do vulgo pelos lemistes e setins cortesãos, cobertos de avelorios e lentejoulas, das condecorações com que o poder costuma marcar os seus rebanhos de consciencias vendidas; estes taes, recostados nos sofás, para onde se atiraram de cima do tamborete de couro ou da cadeira de pinho, sentem esvair-se-lhes a cabeça com os tumultos eleitoraes, com as lutas da imprensa, com as discussões tempestuosas — e não raro estéreis — das assembleias politicas.

«Demasiado repletos, perderam nos vapores dos banquetes a lucidez da inteligencia; demasiado mimosos, perderam, reclinados nos coxins das suas carruagens, a energia laboriosa da classe de que sairam. As dolorosas e longas experiencias da liberdade, afiguram-se-lhes, agora, como um desvario do genero humano, e as tentativas das nações para

se constituirem menos imperfeitamente, como uma serie de erros deploraveis. Confessam o facto indisputavel do progresso nas sciencias, nas artes, nas industrias, apesar de mil experiências falhas, de mil teorias, que surgem para morrerem, de mil esforços perdidos; isto é, confessam que existe o desenvolvimento social, embora limitado em tudo pela imperfeição terrena. Não protestam, em tese, contra as tendencias das sociedades. O que não admitem é que essa lei do desenvolvimento constante, aplicavel a todas as causas humanas, o seja tambem á sciencia social. *Nesta, o progresso consiste em retroceder.* A voz da consciencia, que vos fala da dignidade e da liberdade do homem, é uma ilusão do nosso espirito. Embora o cristianismo gastasse cinco seculos em constituir as sociedades modernas, estas deviam ter completado e aperfeiçoado uma revolução fundamental no seu organismo dentro de cincoenta anos. Não o fizeram; logo o voltar ao passado,

ao absolutismo caquéctico e impotente, significaria o processo político. Incubou neles o arrependimento. Sonham que o fantasma d'Attila surge entre o norte e o oriente. Ajoelham; e tentam, renegando as ideias que propugnaram, salvar as suas carruagens, mitras, bastões, veneras, rendas e dignidades.

«*Este é o grupo dos grandes miseráveis!!*»

O que acabo de lêr é de há 78 anos, mas poderia ter sido escrito hoje, se alguem, com o vigor e elevação de estilo do grande mestre, se lançasse a fazer a análise severa do momento que passa.

Os ataques à liberdade, as más vontades e perseguições contra os liberais, têem partido mais ferozmente daqueles que, por gratidão e reconhecimento aos princípios que os elevaram, deviam respeito a êsses princípios.

As hostes reacionárias têem engrossado das deserções que os timoratos, os despeitados, e os «sem princípios», cos-

tumam praticar, sempre que o campo onde militavam não dá segurança ao seu mêdo, garantia às suas ambições e perdão às suas falhas de carácter.

Não nos fazem falta — mas são perigosos no campo adverso, porque são os mais traiçoeiros na ferocidade com que pretendem esmagar quem possa escancarar-lhe as masélas.

São eles que investem contra a liberdade em todas as manifestações, as mais inocentes, são eles que preparam o ambiente de antipatia e ódio contra a propaganda mais pacífica, são eles quem envenena as intenções mais honestas.

Julgam os pobres que pela violência conseguem abafar as ideias, oprimir as consciências, ignorando ou esquecendo que elas têem o poder dos fluidos que, quanto mais se comprimem maior fôrça expansiva adquirem — a tal ponto que chegam a quebrar o vaso que os contêm.

A violência pode forçar-me a acatar, como vencido, toda a repressão justa ou

injusta em que meus actos incorram — mas, se tenta agir sôbre as minhas ideias ou sôbre as do meu adversário, insurgir-me-hei contra ela com as melhores energias do meu espírito, com as maiores reacções de todo o meu ser.

É a intolerância doutrinária que me manda não transigir, não abdicar, do respeito que ao princípio da liberdade é devido, quere seja eu quem o exija, quere seja o meu adversário quem o reclame.

*
* *

Creio, meus senhores, ter suficientemente definido o conceito de tolerância, como nós os liberais o devemos considerar, em obediência aos princípios pelos quais nortearemos a nossa conduta, da qual a coerência e inteligência mandam que não nos afastêmos, para que a doutrina liberal possa crear prosélitos conscientes, para que os nossos actos não

comprometam os princípios que propagamos.

Eu não me esqueço nunca que estou falando à mocidade estudiosa donde sairão amanhã os homens a quem espreitam as responsabilidades do poder, da vida de família, da orientação dos agrupamentos sociais, da direcção das oficinas, da educação dos filhos, do ensino do povo.

E, porque tenho sempre presente essa preocupação e sei que das energias sans e viris de uma Academia liberal, é que depende exclusivamente o futuro das gerações que hão-de vir, quero, por isso mesmo, deixa-la bem compenetrada da imperiosa necessidade que a obriga, a solidamente se preparar para receber sôbre os seus ombros todo o pêso dessas responsabilidades.

É do vosso meio que hão-de surgir as élites que o povo anciosamente aguarda para que se lhe faça justiça, para que o encaminhem na ascenção porque anceia. Para que êle tenha fé no vosso esfôrço,

são aceites com uma resignação indecorosa, sintomática de decadência.

As conquistas do clericalismo, obtidas mansamente atravez das suas influências junto do poder, consequências da abdicação do Estado perante as tentativas de absorção temporal da Igreja Romana, já quási não infundem receios nem despertam desconfiança no ânimo popular.

O triunfo do cristianismo dogmático que se vai apossando das escolas, para totalmente poder amarfanhar as tendências emancipadoras do espírito moderno, e fácilmente submeter quaisquer rebeldias contra a sua tutela, não aviva nos liberais a vontade e decisão de intensificar a educação laica da mocidade.

Os perigos eminentes que a absorção do domínio político por certas castas, acarretará necessáriamente para a ordem nos espíritos, tanto ou mais indispensável que a ordem nas ruas, deixam indiferentes quem tem as responsabilidades do poder, e assim se vão acastelando sôbre a

nossa vida interna e externa, de forma a tornarem inevitavel a catástrofe.

Tudo isto, e o mais que não digo porque me levaria até onde não quero, se pode e deve atribuir à deficiente e por vezes errada concepção de democracia em que as nossas pseudo-élites foram educadas, e, como sua lógica consequência, ao abandono em que elas deixaram o povo.

Para que as élites compreendam e sintam as necessidades do povo, para que se compenetrem da sua sêde de justiça, para que possam transformar o seu desespêro em esfôrço eficaz de emancipação, a sua cegueira em visão serena de melhores destinos, o ódio em fraternidade universal, é necessário que elas sejam povo e não aristocracias.

Fazer democracia é dedicar aos vencidos, aos repudiados, aos desesperados, aos eternamente explorados na sua miséria e ignorância, o nosso saber, o nosso descanço, os prazeres, a liberdade e até

a vida; descer até eles, para depois os elevar até nós, ouvindo as suas queixas, instruindo-os, corrigindo os seus erros, mostrando-lhes a razão, conduzindo-os para a verdade; — esta é a única e verdadeira obra da democracia, que depois será continuada, no recrutamento de fôrças conscientes saídas dêsse meio regenerado mental e fisicamente.

É a revolução social de cima para baixo que as mocidades de hoje têem de preparar, e que às castas e classes privilegiadas não convem; e elas têem fortes razões para preferir a revolução de baixo para cima pois sabem que, emquanto o egoismo se sobrepuzer à fraternidade, o individualismo ao colectivismo, a fôrça material estará do seu lado e ha-de esmagar quaisquer tentativas desordenadas, em repressões de que o povo será principal vítima.

No dia em que a educação conseguir que cada cidadão esteja possuido de dignidade cívica suficiente para não despresar

ou maltratar o seu semelhante só porque subiu um furo acima dele na escala social, poderemos dizer que se vive em democracia.

Emquanto o cidadão, arvorado em qualquer função de mando ou direcção, se julgar por êsse facto no direito ou dever de oprimir o seu semelhante, viveremos em despotismo.

Impressiona toda a gente que inicia a sua vida colonial em África, um facto curioso que frequentemente se observa nos costumes indígenas: como é sabido, os agentes de que o europeu se serve para exercer junto do indígena a sua autoridade são indígenas também, a que se chama cipaios, e que usam uma farda, tendo na cabeça um cofió que os distingue dos soldados. Pois basta que investamos de tais funções o indígena mais timorato e boçal, pondo-lhe na cabeça o cofió, para que êle se transforme imediatamente numa fera, capaz de todas as atrocidades e violências para com os da sua raça.

Achamos isto muito esquisito, muito característico, e atribuimo-lo a selvageria.

E nós, os civilizados, o que fazemos?

Quantos indivíduos saídos das classes populares, só porque lhe puzemos o cofió do mando, do saber, da riqueza ou da fôrça, são os piores inimigos dessas classes, os seus mais degenerados perseguidores, os menos condescendentes com as suas, por vezes, naturais e justas irritações?

Dizia Clemenceau que, « um povo que, por indolência, depois de convulsões de energia, se deíxasse boiar ao acaso dos acontecimentos, mostraria simplesmente que lhe é mais fácil conquistar a liberdade do que pôr-se em estado de a usar ».

Eis o programa apontado às gerações de amanhã para que o património de liberdade conquistado pelo sacrifício de tantos mártires se não perca, e dê os frutos por que todos anceamos, os que, com sinceridade, com inteligência e com fé, nos dizemos apóstolos da democracia:

Pôr o povo em estado de usar a liberdade!

Boiar ao acaso dos acontecimentos, tem sido a atitude, cómoda talvez, mas pouco inteligente e menos honesta, das pseudo-élítes do nosso país.

Esperando do acaso ou de circunstâncias preparadas por malabarices ou manhas já gastas e desacreditadas, a solução dos mais importantes problemas sociais, de forma que ela redunde ou se transforme em proveito pessoal dêste ou daquele, sucede que somos sempre colhidos de improviso perante qualquer transformação importante que ponha em equação êsses problemas.

Como consequência natural advem que eles, ou nunca se resolvem ou então resolvem-se erradamente, tornando cada vez mais complicada e difícil a vida social.

Bem sabemos que as circunstâncias da época e do meio tornam difícil prevêr, deduzir, raciocinar, tirar, emfim, conclusões concretas e perfeitamente definidas.

Mas também é certo que, se os homens a quem compete estudar, tiverem adquirido uma sólida preparação intelectual e moral que oriente os seus espíritos segundo as directrizes da verdadeira democracia, que ponha perante a sua observação desapaixonada as injustiças do actual estado social, que chame a atenção das suas consciências para o cumprimento desinteressado do dever, — implícita e necessáriamente êsses homens de amanhã serão os naturais construtores de um edifício social melhor, a quem não surpreenderá em flagrante impreparação o irresistível fenómeno da evolução.

A incompreensão ou errada interpretação de determinadas manifestações e tendências dos povos que caminham para um estado social mais justo, provêm, fundamentalmente, da perniciosa direcção dada aos estudos superiores, que incute subtilmente nos espíritos moços uma erradíssima noção da vida dêsses povos, e das suas aspirações.

É contra esta orientação, característica do mais intolerante reacionarismo, que deveremos reagir, para que não saiam deformadas as inteligências que amanhã hão-de estudar e integrar-se nessa evolução.

Não há o direito de sequestrar os espíritos juvenis em formação, do avanço que as ideias políticas e sociais realisam em outros povos, e lhes permitem assenhorear-se mais facilmente dos seus destinos.

No exame desapaixonado das convulsões que agitam êsses povos, no estudo consciencioso das leis naturais que provocaram tais convulsões, na crítica severa dos actos daqueles que os prepararam e nelas intervieram, deverão os novos de hoje encontrar a interpretação perfeita das aspirações da humanidade, para que nelas se inspirem, quando chegar a sua vez de ditar leís e fabricar disposições constitucionais que rejam a vida das massas.

Porque, se estas leis forem fabricadas

por homens alheados e ignorantes daquele tremendo esfôrço que já está abalando os fundamentos de uma organização injusta, anti-progressiva e desumana como a actual, — as consequências serão fatalmente desastradas para os próprios legisladores e para as massas cujos destinos dirigirem.

A humanidade não pode continuar a viver acorrentada aos interêsses e maldades de uma minoria egoista e rapace que, amparada em fórmulas representativas dos mais elevados sentimentos, dos mais nobres ideais, das mais justas concepções de patriotismo, de liberdade, e de democracia, as desacredita cínicamente, pelos processos que emprega.

O patriotismo, elevado sentimento de fraternidade entre indivíduos da mesma nacionalidade, transmudam-no em estado de alma de uma facção odienta e rancorosa que cultiva o ódio das outras nacionalidades ou a ambição de as escravisar económica ou politicamente. É o nacio-

nalismo!; é êste o estandarte que encobre os reais sentimentos das classes e grupos parasitários a quem aproveitam as rivalidades entre povos, das quais sofrem quási unicamente as classes populares.

É o nacionalismo que conduz às guerras de extermínio, autêntica negação da civilização, em que a humanidade se destrói para conquistar o predomínio de uma indústria, para consolidar a fôrça do capitalismo.

De tal nacionalismo só advem para o povo, atrazo, opressão e incruenta miséria e consequente mal estar, fomentador da inadaptação ao meio e da emigração, fenómenos êstes que constituem a negação da ideia de Pátria.

Que importam a essa minoria os revezes da Pátria, as convulsões da Pátria, as misérias da Pátria, se quem as sente é o Povo?

Também o nobre ideal de *liberdade*, era necessário vilmente conspurcar e desvirtuar, para que da sua expansão não

pudesse resultar a morte das seitas e, para isso, a liberdade foi confundida com a licença e indisciplina, de modo que na repressão legítima destas fôsse envolvido o assalto ilegítimo àquela.

O culto da liberdade que outrora era apanágio das élites, passou a ser considerado estigma aviltante por algumas classes dirigentes; a tal ponto, que o verdadeiro liberal é o inimigo da ordem, é o elemento perigoso, é o cidadão irrequieto, a quem é necessário afastar do nosso convívio, prender, algemar, impedi-lo de fazer propaganda dos seus ideais.

E assim se faz com que os povos insuficientemente preparados para acompanhar a evolução realizada por outros, procurem atingi-la por saltos bruscos e convulsões que acarretam perturbações, ao invez do que sucederia se o exemplo vindo de cima lhes mostrasse como o respeito pela liberdade é condição essencial de progresso e bem estar, que não fere senão interêsses ilegítimos.

Finalmente, a justa concepção da *democracia,* porque vai lógicamente ferir de morte todos os privilégios, é de má fé interpretada como o sistema do predomínio das maiorias inconscientes, impeditivo do progresso e ordem social.

Daí a aversão que lhe votam certas classes que, não sendo por sua natureza e constituição reacionários nem inimigas da liberdade, desconhecem, no entanto, que só pela democracia se podem criar e desenvolver energias novas, que só ela permite a expansão de actividades.

E assim, as ideias de Pátria, Liberdade e Democracia, por mal definidas e aleivosamente transtornado o seu verdadeiro sentido, por mal ou incompletamente tornadas em realizações, podem conduzir um povo a situações paradoxais, totalmente opostas às suas aspirações e ao destino que a sua tradição lhes marca.

E é por isso que vivemos num permanente equívoco, em dissolvente mentira, em degradante atrazo e em apavorante

caos, absolutamente impeditivos de uma vida mais feliz, por que todos anseiam, mas que, dia a dia, se vai tornando mais sombria, mais desesperante e insolúvel.

Representando uma comédia fatigante, que bem analisada deve encher-nos de desprêzo por nós próprios, cada um de nós caminha e age geralmente em sentido absolutamente oposto ao das afirmações que produz, recorrendo ao verbalismo complicado e às fórmulas sonoras para abafar os rebates de consciência e inteligência que nos apontam a nossa própria mentira.

E porque praticamos com tanta naturalidade e até inconsciência, esta hipocrisia?

Apenas pela fôrça do hábito em que nos educaram séculos de obscurantismo, de respeito por convenções falsas, por dogmas, por fórmulas vázias de sentido, e que fatalmente haviam de conduzir o espírito a uma inércia destrutiva de todas as faculdades de análise, de crítica, de dúvida, condições fundamentais de progresso.

E não poderemos deixar de reconhecer que justamente entre essas variadíssimas fórmulas e convenções exploradas pela reacção, a que melhor tem servido os seus torvos desígnios tem sido a da tolerancia.

Variadíssimos exemplos eu poderia escolher para o demonstrar, mas, entre tantos, quero escolher, por me parecer mais palpitante, o que se passa na vida da família.

Penetremos indiscretamente, por instantes, num dêsses lares como há tantos, cujo chefe é tido e havido como um feroz e intransigente liberal.

É casado e tem filhos dos dois sexos!

Perguntemos-lhe se casou religiosamente.

Responder-nos-há titubeante: que de facto casou na Igreja, porque a sua esposa assim o quiz, e êle, *por tolerancia,* transigiu.

E os seus filhos baptisou-os? Sim, pelos mesmos motivos. Nós bem sabemos *que êle é um tolerante!*

E como os educa? Religiosa ou laicamente?

É assunto em que não quer intervir. — Deixa à Mãe êsse cuidado!

Eis o nosso liberal padrão, que, cá fora, para o mundo exterior, cuja marcha lhe interessa secundáriamente, combate o clericalismo, se alista em quantas associações liberais existem, se esganiça em morras à reacção, se insurge contra as manifestações religiosas, mas que, portas a dentro, no ambiente em que tem de viver, no meio que lhe é mais querido, e mais lhe interessa naturalmente, consente se desenvolva e tome consistência o êrro que reprova, e deixa que se deforme no espírito dos entes que êle, por dever, por amor e por inteligêndia, tinha obrigação de defender.

Eu não sei se a vossa análise já escalpelou bem êste curioso mas vulgar tipo da nossa sociedade, a cujas imensas contradições vale bem a pena dedicar um pouco de atenção.

Enérgico e intolerante no exterior, passa a uma docilidade hipócrita no meio em que mais lhe cumpria ser leal, transforma-se em tolerado, onde lhe cabia ser orientador.

Mas será, de facto, um tolerante, êste chefe de família que muitos considerarão exemplar, mas que, a meu ver, é um detestável cidadão? A sua intolerância cifra-se apenas em abominavel egoismo, em hipócrita sensatez, em convencional respeito por fórmulas que êle bem sabe serem falsas — tão falsas, que é o primeiro a desacatá-las, se beliscam, ao de leve sequer, as regalias que o seu despotismo de chefe procura manter intactas.

Êste homem, que é um mixto de clown contorcionista, de charlatão, de covarde, e até de néscio bem intencionado, tem uma moral para uso próprio, que é a liberal: quando abomina o clericalismo, certamente por o considerar pervertedor da sociedade, e exalta o laicicismo, porque torna os cidadãos conscientes; mas

tem outra para os seus filhos, quando consente que se pervertam e não se esforça por fazer deles perfeitos cidadãos.

Quando mente? Quando é criminoso?

Encontramo-lo novamente afirmando a sua tolerancia quando chega o momento da escolha das suas relações.

Todos nós sabemos que na nossa sociedade, principalmente na chamada alta, há uma classe de creaturas que têem uma habilidade especial para se infiltrar nos meios onde preveem farta colheita para a obra de propaganda reacionária.

Com uma finura de espírito digna de admiração, escolhem de preferência o nosso homem tipo, que se jacta de tolerante, lisongeando-lhe a vaidade pelo contacto e convivência com uma classe que não é a sua, de que diz mal porque a inveja, mas que no fundo considera superior.

Eis o nosso liberal, novamente em transes de tolerância, reconhecendo que realmente não há o direito de impedir que tão boa gente, tão inofensiva, tão pura e

distinta, frequente a sua casa, seja até íntima dos seus.

Lá fora, prèga contra as castas, afirma que elas são a causa do atraso do povo, mas, em casa, (de resto, ali, nas suas salas, elas não molesterão as regalias populares), acolhe-as, venera-as e sente-se babado de gôso pela consideração que lhe dispensam.

Entretanto, é tristemente disfrutado por essas creaturas que sabem aproveitar-se da sua tolerancia para conduzirem a família (principalmente os filhos) para um campo absolutamente opôsto àquele em que êle próprio milita.

Êle é tambem anti-militarista! Aspira à fraternidade universal — abomina a guerra.

Tem um filho, cuja educação literária pagou sem olhar a despezas, porque, sem um curso, não o julgava bem lançado na vida!

A luta pela existência está difícil, nada tem para lhe deixar, a vida de trabalho é

dura e êle estima bastante o rapaz, para o querer poupar à aspereza dessa luta.

Que fazer dele? Que pensa a mãe a tal respeito?

Que o seu filho, esbelto, bem lançado, olhar arrogante, fadado para grandes cometimentos não pode ser um bom comerciante, um hábil mecânico, um industrioso engenheiro, — o seu filho só ficará bem de militar!

E ei-lo militar, o filho do anti-militarista!

Eu não estou, meus senhores, a procurar fazer espírito, género para que não tenho propensão e que seria mal cabido numa palestra, despretenciosa embora, mas que intencionalmente pretende ser educativa.

Estou apenas focando aspectos da nossa vida social, que cada um de nós conhece aos milhares.

Eu disse há pouco que é a errada, a mentirosa concepção de tolerancia, aquela

que à reacção convem que prevaleça, justamente porque é ela que lhe oculta as principais conquistas no nosso campo, desprevenidos e incautos como vivemos, contentes de fórmulas sem significado, iludidos com verbalismos tolos e vazios.

Porventura será o espírito de tolerancia que impera no espirito daquele pseudo liberal, cujas incoerências exemplifiquei? Chamemos-lhe antes abdicação, transigência degradante, ausência de princípios, insensatez, incoerência, imbecilidade, e teremos explicado a sua atitude.

Clemenceau definiu a tolerancia, neste belo e simples conceito: «o sentimento que nos faculta todas as harmonias da indulgência de uns para com os outros, rasgando todas as avenidas de luz às libertações do espírito humano».

Notai bem: *«é um sentimento que nos faculta a indulgência»*. E o que é a indulgência? É o perdão para os erros dos outros, é a condescendência que nos proíbe de os perseguirmos por motivo

dêsses erros; é a confirmação dêsses erros; é o reconhecimento da inferioridade de quem os pratica, mas não é a sua aceitação, e menos ainda o consentimento da sua propagação e contágio.

«*É uma indulgência que rasga as avenidas de luz à libertação do espírito humano;* é portanto a forma, verdadeiramente humana e confiante na verdade da evolução, de aguardar que o êrro se dissipe porque é êrro, e porque, «pelas avenidas da luz» êle não poderá caminhar.

Não significa pois a tolerancia que deixemos de dar combate ao êrro, nem de o odiar pelos males que origina!

Não será portanto tolerancia consentir que se propague uma moral rígida e feita de conveniências, encobridora de sentimentos egoistas!

Não deveremos, por tolerancia, respeitar doutrinas que o saber e a inteligência nos apontam como erradas e causadoras dos mais repugnantes e revoltantes crimes!

Não pode a tolerancia impedir-nos de prosseguir em busca da Verdade, muito embora nesse caminho choquemos com o dogma a crença ou a superstição!

Não será a tolerancia que nos exija silêncio, em face do perigo que o ensino religioso representa para o progresso intelectual e moral da sociedade!

Menos ainda virá a tolerancia querer de nós que suportemos a violência, que acatemos o despotismo, que nos submetamos a qualquer Index religioso e político, asfixiante do pensamento, que aceitemos sem reacção a privação da liberdade!

Não, meus senhores, a tolerancia não é nada disto, se bem que seja isto e que a reacção pretende que ela se torne, para maior facilidade dos seus manejos.

Mas se, por vivermos num País em que o sentido das coisas anda desta forma invertido e desvirtuado, só assim podermos ser considerados tolerantes, então dou o dito por não dito, e só me resta recomen-

dar-vos não só que sejais intolerantes mas que pratiqueis ferozmente a intolerância.

Assim, vamos usa-la franca e abertamente, não mentindo a nós próprios nem ao Povo, porque só assim teremos direito ao respeito e acatamento da nossa vontade.

Quando um reacionário pretenda aproximar-se das nossas trincheiras, embora prometendo pôr em prática a grande lei da solidariedade, dar combate ao êrro, ao crime, à ignorância, à moral cujas bases assentam no prémio e castigo eternos, não o acreditamos e repilamo-lo energicamente.

Quando aquele que propaga a mentira, cultiva o dogma, nega a evolução, abomina o progresso, vier oferecer-nos colaboração na obra grandiosa da emancipação da inteligência. da dignificação do homem (na mais ampla e nobre significação do termo) de esfôrço civilizador e progressivo, tendente à conquista de uma vida cada vez mais perfeita — desprezemo-lo e à sua mentira.

Quando o aristocrata, o plutocrata ou o representante de qualquer casta, pretender, com blandícias, interêsse hipócrita, infiltrar-se na nossa vida íntima, intervir no nosso ambiente para o modificar, embora aparentemente para melhor, escorracemo-lo como o nosso peor inimigo. Porque se o não fizermos, podemos ficar certos de que êle virá perturbar, confundir, criar atritos, incompatibilidades, desfalecimentos, desconfianças nocivas, hesitações, lançar-nos nas incoerências, dividir-nos e enfranquecer-nos emfim.

O seu fito é de espionagem, de traição, de nos ferir de morte em pleno coração, para destruir a obra redentora e sã que à custa de incomportaveis sacrifícios, outros construiram e nós nos esforçamos por conservar e aperfeiçoar.

Reservemos então a nossa tolerancia, e temos vasto campo onde a aplicar, para os humildes, para os sinceros, para os que vivem no êrro por culpa dos hipócritas, procurando «rasgar-lhe amplas

avenidas de luz», por onde possam encaminhar-se para a verdade.

Bem carecem dela os que sofrem a cada instante da nossa injustiça, do nosso abandono, da nossa incompreensão; tão prontos em esquecer agravos, em realizar pactos degradantes, em transigir com situações comprometedoras, sòmos geralmente de uma sensibilidade impertinente altaneria perante as reacções que veem até nós das classes inferiores, cançadas de sofrer por nossa própria culpa.

Esquecemo-nos de que ignoram porque os não ensinamos; que são rudes porque os não educamos; que são irrequietos porque os puzemos no hábito de só assim reclamar direitos; que é íncomodo e repugnante o seu contacto porque não lhes demos água, não lhes ministramos higiene, nem proporcionamos conforto; que são perigosos porque lhes excitamos as paixões para servirem as nossas; que nos odeiam porque o nosso egoismo é surdo aos seus clamores de justiça; que nos

desprezam porque conhecem os covardes processos empregados para lhes anestesiar a formidavel fôrça que encerram; que, finalmente, não nos acreditam porque pressentem o quanto de fictício têem as leis morais e económicas que forjamos.

Creio ter dito o bastante para vos mostrar até que ponto devemos pôr barreiras à intolerância, e quais os extremos até onde podemos levar a tolerancia.

Das minhas afirmações, susceptíveis de correcção, uma conclusão irrefuctavel se pode tirar, pelo menos!

É que, só com uma superioridade de cultura total poderemos atenuar os choques desconjuntantes, aniquiladores, que vêem de longa data preparando um trágico fim à sociedade portuguêsa.

E, como a actualidade é de imprevisto, de interrogações, de surpreendentes aspectos que deslumbram e encegueiram, mal avisados andaremos se não formos lançando a nossa observação para o exterior

e preparando a vista para maiores intensidades luminosas.

Não se improvisa essa cultura total, nem a poderemos fabricar em momentos críticos que subitamente a exijam.

Urge, portanto, que a essa obra nos lancemos com uma decisão forte de vencer todos os obstáculos, e com a convicção assente de que só por ela nos precaveremos contra todas as surprezas.

Á Academia Liberal cumpre realiza-la com o fervor dos seus entusiasmos juvenis, com a sinceridade das suas intenções puras, com a convicção das suas inteligências bem formadas.

Da Academia Liberal esperam tudo isto a Pátria, o Povo e a República.

Disse.